

**SOBRE A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: LIÇÕES E  
DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E BELL HOOKS**  
[ABOUT EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM: LESSONS AND  
DIALOGUES BETWEEN PAULO FREIRE AND BELL HOOKS]

**Maria Helena Silva SOARES**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ. Editora-adjunta da Revista Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência.

E-mail: helenastraub@gmail.com

**Roberta Liana Damasceno COSTA**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ. Professora Temporária do Departamento de Fundamentos da Educação da UFPI.

E-mail: robertafilos@gmail.com



**Resumo**

Pensar a Educação como prática de liberdade motiva a escrita deste texto. Articula-se a proposta de uma pedagogia libertadora através das aproximações dos escritos, práticas e vivências dos educadores Paulo Freire e bell hooks como um campo de conhecimento e possibilidade para a práxis docente. As contribuições teóricas de Freire e hooks nos permitem pensar a educação em uma perspectiva de classe, raça e gênero no sentido de uma tomada de consciência e, ao mesmo tempo, construção de subjetividade e linguagem de uma diversidade antes desconsiderada pela economia de saberes. Consideramos que a ação pedagógica é também política e ao nos apropriamos do diálogo tecido entre Paulo Freire e bell hooks no intuito de resgatar em nós, educadores, o compromisso de confrontar nossas práticas pedagógicas, travamos uma luta de fundamental importância que é o distanciar do campo educacional da ideologia neoliberal.

**Palavras-chave**

Liberdade. Paulo Freire. Bell hooks. Ideologia neoliberal

**Abstract**

Thinking Education as a practice of freedom motivates the writing of this text. The proposal of a liberating pedagogy is articulated through the approximations of the writings, practices and experiences of educators Paulo Freire and bell hooks as a field of knowledge and possibility for the teaching praxis. The theoretical contributions of Freire and hooks allow us to think about education from a perspective of class, race and gender in the sense of awareness and, at the same time, construction of subjectivity and language of a diversity previously disregarded by the knowledge economy. We consider that the pedagogical action is also political and by appropriating the dialogue woven between Paulo Freire and bell hooks in order to rescue in us, educators, the commitment to confront our pedagogical

practices, we waged a struggle of fundamental importance which is to distance ourselves from the field education of neoliberal ideology.

**Keywords**

Paulo Freire. Bell hooks. neoliberal ideology

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo"

Paulo Freire

"Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos."

bell hooks

## 1- Introdução

Paulo Freire (1921-1997), de acordo com a Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, patrono da educação, entendeu que o maior problema da educação brasileira era o da *sobreposição dos interesses radicalmente humanos, pelos do mercado* (FREIRE, 2002[1996], p.112). Esse sistema, criticado por Freire desde pelo menos a década de sessenta do século passado, regido pelos interesses de uma classe dominante elitista, mantivera uma distinção entre opressores e oprimidos, que determinava, de início, o acesso ou não à educação e à conscientização humana sobre si mesmo e a sociedade.

Contra essa lógica, *neoliberal*<sup>1</sup>, que se baseia em uma disputa desigual por direitos sociais, Freire defende uma educação libertadora, uma pedagogia crítica que não exclui a política do seu campo hermenêutico e de ação. A educação é entendida como *práxis* pela qual se forja a revolução social, que enfim superará a relação opressor-oprimido, assumindo a liberdade e a responsabilidade como conquistas fundamentais para a humanização de todos envolvidos nessa relação. Como bem define Francisco Weffort na introdução à "Educação como prática de Liberdade" de Paulo Freire, liberdade tem aqui

---

<sup>1</sup> Os autores Pierre Dardot e Cristian Laval (2016, p. 30) se propõem a compreender o neoliberalismo como "um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas em práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais.[...] Ele estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade 'contábil' pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos".



**menos** o sentido de um *axioma pedagógico do que* de um *desafio* da história presente (WEFFORT, 1967, p.6). Tomar a sério o sentido de liberdade, tal como proposto por Freire, é partir tanto do *reconhecimento* da opressão quanto da *luta* pela libertação desse sistema.

Considerado um inimigo comunista pela Ditadura militar brasileira, preso e exilado, por quinze anos, Freire foi afastado de sua prática na educação popular. Jamais conseguiram, mesmo nesse período, silenciar sua *práxis* que seguia em suas palestras pelo mundo e em publicações, que o marcariam para sempre como um dos mais importantes educadores de nossa época. Freire via na alfabetização, uma etapa da conscientização de trabalhadores do campo e da cidade, a fonte de superação da contradição opressor-oprimido. Essa pedagogia se diferencia sobretudo por pensar o processo de ensino-aprendizado **com** o aluno e não **para** ele. Ou seja, a educação freireana, além de crítica, por ser abertamente política, é da ordem do diálogo, isto é, de um processo horizontal em que tanto professores quanto alunos ensinam e aprendem a partir de suas situações históricas e sociais. O conteúdo não é, portanto, o principal fim a ser atingido nesse processo, ainda que não se possa prescindir dele, mas uma parte que também envolve o testemunho, o respeito e a liberdade de todos envolvidos.



Alfabetizar uma população excluída em um sistema em que, por exemplo, os analfabetos estavam fora do sistema eleitoral era, com certeza, uma afronta ao sistema político vigente. Freire foi, nesse sentido, um revolucionário ao apostar na pedagogia como restauradora da intersubjetividade de um povo excluído e desumanizado por uma classe dominante. O método freireano, nesse sentido, é a própria tomada de consciência (FREIRE, 1979[1968], p.60) de sujeitos que até então haviam sido tornados objetos pela opressão. No centenário de Paulo Freire, acreditamos ser necessário lembrar a importância de seu projeto pedagógico e, ao mesmo tempo, societário para as conquistas que foram alcançadas no processo de redemocratização, em fins dos anos oitenta, bem como sua influência em pensadores contemporâneos importantes, como sua interlocutora estadunidense Gloria Jean Watkins, bell hooks, com quem também dialogamos com esse texto.

O pensamento de Freire foi marcado também pelas críticas que recebeu de pensadoras e ativistas feministas que consideraram, o que inclusive ele concordou, sua obra pela perspectiva de sujeitos masculinos, seja pela linguagem seja pelas experiências

enumeradas. O trabalho ao qual a maioria das mulheres era designada, o reprodutivo, não foi tematizado por Freire em suas análises de opressão e exploração. No entanto, hooks afirma se identificar com a obra de Freire, mais do que com muitas obras feministas<sup>2</sup> que chegaram até ela em sua formação. A educação como prática libertadora foi, para ela, como “água para quem tem sede” (hooks, 2020, p.71), como fonte de nutrição e sobrevivência em meio à terra arrasada de si e dos seus. Freire foi, para hooks, inspiração para que ela - uma mulher negra que experienciou a dessegregação racial estadunidense e suas consequências para a educação de mulheres e homens negros - encontrasse “uma linguagem” para suas experiências, isto é, se auto reconhecesse como sujeito de resistência e escrita de sua própria história.

Foi nas palavras de “Educação como prática da liberdade” que hooks encontrou não apenas um subtítulo para sua obra “Ensinando a transgredir”, mas, principalmente, um diálogo possível entre sua vida pessoal e acadêmica, que se funda tanto no reconhecimento da sua subjetividade quanto na importância da comunidade negra para sua formação. A ênfase na educação como necessária para a libertação remonta, para a educadora, diretamente às experiências de resistência de mulheres e homens negros nos Estados Unidos. Contrária ao ambiente de disputa e ao discurso meritocrático da educação formal da Universidade mista que frequentara, hooks entende, como Freire, que *ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão*. Suas referências diretas ao nosso patrono da educação, nos leva a refletir sobre esse encontro que fez, uma vez mais, documentar a importância e necessidade de estarem tão intimamente ligadas, teoria e prática, no projeto freireano de educação. Afinal, o que aproxima, definitivamente, bell hooks de Paulo Freire é a constatação dela de que o educador agia conforme o que pensava e propusera em suas obras e estava, verdadeiramente, aberto à críticas.



---

<sup>2</sup> Aqui, bell hooks se refere às feministas brancas burguesas estadunidenses que não se dedicavam a pensar como a classe social e a racialização também moldavam a realidade por elas analisadas. No Brasil, esse tipo de feminismo é também conhecido como feminismo liberal. Um dos exemplos citados se refere às obras “*The Feminine Mystique*”, 1963, de Betty Friedan e “*Born Female*”, 1968, de Caroline Bird.

## 2- O encontro da própria voz: o processo de subjetivação política em Paulo Freire e bell hooks

Buscamos, com o presente texto, apresentar as ressonâncias desse encontro a partir de suas próprias vozes e reivindicações. Mas como também visamos o reconhecimento do trabalho de ambos para uma tentativa de elucidação da educação na atualidade, procederemos a uma leitura transversal sobre aquilo que aqui nomeamos enquanto subjetivação política, isto é, a autoconscientização de sujeitos, ou o seu encontro com suas próprias vozes.

Enquanto educadoras, filósofas e feministas periféricas, acreditamos no projeto de educação que se extrai das considerações de Freire e hooks. Ou seja, um projeto libertador e transgressor de uma educação engajada contra o *status quo*, aquele promovido por políticas públicas neoliberais, que limita a economia de saberes a uma troca desigual marcada, especialmente, por classe, raça e gênero.

Pensar em termos de classe não é, contudo, permanecer em uma dicotomia materialista, uma vez que os clássicos limites entre burguesia e proletariado têm se mostrado insuficientes. A crítica que parte de uma perspectiva classista não é, e talvez nunca tenha sido, limitada ao aspecto econômico. Ou como afirma hooks “que a classe era muito mais que a condição econômica da pessoa, que determinava seus valores, seus pontos de vista e seus interesses” (hooks, 2020, p. 241). A condição de subalternização e exploração como se vê, por exemplo nos escritos freireanos, se desenvolveu na direção de dois movimentos: desumanização e dominação. Seus opostos não são, todavia, apenas relativos a uma aquisição de condições materiais, mas antes de um processo de conscientização e autonomia de sujeitos que passam tanto pela compreensão de si quanto pela consciência de seu lugar na sociedade e responsabilidade por ele.

Nesse sentido, as contribuições teóricas de Freire e hooks nos permitem pensar a educação em uma perspectiva de classe no sentido de uma tomada de consciência e, ao mesmo tempo, construção de subjetividade e linguagem de uma diversidade antes desconsiderada pela economia de saberes. Isso implica a responsabilidade de atuarmos sempre enquanto educadoras que entendem a impossibilidade de tudo sabermos; e, ao mesmo tempo, aprendizes capazes de modificarem e serem modificadas pelos diferentes



sujeitos que participam do diálogo feito em sala de aula. Deste modo, a pedagogia crítica e a pedagogia feminista constituem-se como “paradigmas alternativos que realmente deram ênfase à questão de encontrar a própria voz” (hooks, 2020, p.246) seja por meio dos círculos de alfabetização e cultura freireanos, seja pela abertura das classes feministas experienciadas e fomentadas por hooks. Pensar a própria voz corresponde, sobretudo, ao reconhecimento da singularidade de cada voz e a autoridade atribuída a ela, através do incentivo à autoafirmação e ao engajamento como parte da formação política do sujeito em um grupo social. Ou, na voz de hooks que ressoa também a de Freire:

Em uma conversa com Paulo Freire, há mais de trinta anos, eu o ouvi afirmar enfaticamente que “não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornamos sujeitos”. Essa afirmação ressoou em mim. Ela afirmou a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito (hooks, 2020b, p. 83).

Foi por essa interlocução com Freire que hooks respondeu sobre os questionamentos de feministas sobre a pedagogia freiriana. Tais críticas visavam a linguagem pretensamente universal e a ausência de uma análise sobre as mulheres da classe trabalhadora. Ainda que hooks concorde com tais apontamentos, a escritora e educadora via nos escritos e na vida de Freire uma oportunidade de compreender suas próprias questões de mulher negra do sul rural dos Estados Unidos. A importância dada ao “ser-mais”<sup>3</sup>, isto é, o despertar para a vocação ontológica do sujeito, tanto na consciência de si quanto na construção política, proposta defendida por Freire, foi fundamental para hooks, que enfatiza o encontro da própria voz em seu projeto de educação transgressora. Percorremos agora, mais detidamente, as lições deixadas por ambos para a educação.



## 2.1 As lições de Paulo Freire para uma pedagogia transformadora

<sup>3</sup> O conceito de “ser-mais” nasce das reflexões de Paulo Freire sobre o transpor as fronteiras que delimitam a relação entre educador e educando e como o aprender precisa se constituir nas situações de ensino. Para livrar-se da relação de opressão também impressa pela educação bancária, o objetivo de constituição do “ser-mais” é fazer da prática pedagógica um processo de conscientização tanto do professor como do aluno para que ambos partam para a consciência de si, da sua opressão a fim de se libertarem. O processo de tornar-se livre é o despertar da vocação ontológica do indivíduo humano. Através da relação consigo, com o outro e o mundo, as ações que o ser-mais tanto no educador quanto no educando é resultado da luta pelo desvelar amoroso na prática educativa. A essência da educação é coletiva e enquanto prática de liberdade é construído da formação do ser-mais. C.f. Freire, P. Pedagogia da Autonomia, 2019, p-106-110.

Nas últimas duas décadas, acompanhamos a evolução do neoliberalismo em todo mundo. Vemos o capitalismo manter sob as ideias neoliberais as estruturas do racismo e do patriarcado para geração de lucro e a submissão de uma grande parte da população a regimes de trabalhos precarizados e com salários distintos e desvalorizados.

Diante deste cenário mundial, por muitas vezes alertado pelo educador Paulo Freire em suas reflexões, temos uma destruição da dignidade e do próprio desenvolvimento humano. É pela associação da imagem da educação como campo de gestão de resultados eficazes e valores meritocráticos que hoje temos a educação como um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico. Atrelado a proliferação de discursos que possuem raízes históricas, estes creditados ao desejo liberal<sup>4</sup> que, ao exigir eficiência e inovação das instituições sociais, no caso das instituições de ensino, pedem uma inovação das práticas e dos conteúdos educacionais pois, “na cultura de mercado, a emancipação pelo conhecimento - velha herança do Iluminismo - é vista como ideia obsoleta” (LAVAL, 2019, p.15).

A nós educadores, relegados por muitas vezes a posição de espectadores sem poder de intervenção, é transferida a tarefa de incorporar e implementar as exigências da educação para o mercado. As consequências desta tarefa atribuída aos educadores acabam por descaracterizar nossas práticas pedagógicas, retirando a liberdade de escolha de conteúdo, impedindo-nos de construir uma proposta de formação emancipadora que longe da cultura do mercado, preze pelos valores democráticos de justiça, igualdade de gênero e social entre seus cidadãos.

Devemos considerar que o papel estratégico da educação na sociedade neoliberal<sup>5</sup>, é transformar a escola e/ou as instituições de ensino em geral em veículos de transmissão

---

<sup>4</sup> Para compreendermos a expressão “desejo liberal”, recorreremos aos estudos realizados pelo filósofo francês Michel Foucault no seu curso “Nascimento da biopolítica”, pois comparamos esse desejo ao que Foucault se propôs a delimitar como “a arte de governar, isto é, a maneira pensada de governar o melhor possível e, ao mesmo tempo, a reflexão sobre a melhor maneira possível de governar” (FOUCAULT, 2008, p.4). Essa nova arte de governar, nomeada liberalismo, se caracterizaria pela limitação no exercício do poder de governar. Portanto, o liberalismo será, na compreensão foucaultiana, mais do que regime garantidor de uma incondicional liberdade, uma forma de governo que facilita um engajamento subjetivo dos indivíduos/consumidores para que ele de fato funcione em todos os âmbitos (econômico, político, social). Será através dos engajamentos subjetivos que o desejo liberal de eficiência, inovação e reinvenção das instituições da sociedade colaboram para que sejam garantidas certas liberdades como liberdade de mercado, propriedade, circulação etc. Em resumo, o liberalismo é essa nova forma de governar que produz, organiza e gerencia as liberdades sociais.

<sup>5</sup> Cf. LAVAL, C. A escola não é uma empresa, 2019, p. 107-190.



da ideologia neoliberal. Ao delegar à Educação um lugar fundamental na preparação dos indivíduos, faz das políticas educacionais para a educação básica estabelecerem estruturas de conteúdos que viabilizem a formação para o trabalho, e no âmbito acadêmico, atrela a formação profissional e pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado. Deste modo, a Educação assegura ao mundo do mercado mão de obra qualificada e apta para a competição.

A adequação da escola à ideologia dominante do neoliberalismo foi alvo de críticas do educador Paulo Freire. Tais críticas ferrenhas “à malvadez neoliberal” resultaram em lições e reflexões que apontam a transformação dos problemas educacionais em problemas mercadológicos. Portanto, para Freire, o resultado dessa transformação é a constituição de professores transmissores de conteúdo, alunos depósito de conteúdo e pais consumidores do produto educação.

Diante desta realidade neoliberal, em que escolas e universidades se tornam empresas, ao mesmo tempo que forma e produz conhecimentos, temos o emergir de situações de exclusão e marginalização coexistindo com a riqueza e o desenvolvimento econômico. Portanto, é inevitável que as lições de Paulo Freire precisam ser revisitadas e praticadas para que possamos pensar ações efetivas que venham a frear o avanço do neoliberalismo no campo educacional.

Como educadoras, e nos reconhecemos neste lugar, as lições freireanas fazem de Paulo Freire um referencial teórico fundamental, não pela grandiosidade atribuída ao conjunto de sua obra, mas pela capacidade de nos desafiar enquanto educadoras e sujeitos capazes de compreender a importância de uma transgressão em nossas práticas pedagógicas e do papel da educação no Séc. XXI frente à constituição desta sociedade globalizada que nos retira a capacidade de ação em prol de um mundo justo, igualitário e livre das opressões de gênero, raça e classe.

Compactuamos com Hoffmam; Rocha; Rodrigues (2021) ao concordarmos que as lições que Freire nos deixou precisam ser revisitadas e a importância destas são características de seu autor e de

[...] seu papel progressista, apontando-nos para uma educação que transforme a realidade social de cada educando, e o recorde de sua vocação fundante e ontológica, de “ser mais”, de construir nas estradas do mundo sua própria história,



firmada nos passos existenciais de sua ação libertadora sobre os horizontes que continuamente lhes descortinam (HOFFMAM; ROCHA; RODRIGUES, 2021, p. 21).

É por pensarmos em revisitar as lições de Paulo Freire que nos deparamos com o nosso fazer docente. Retomamos aqui o nosso lugar de educadoras, este inserido no nosso tempo, e que compartilha o projeto de uma educação libertadora. O que nos cabe a fazer na concretização do projeto? Freire nos adverte que a tarefa de ensinar para formação do “ser mais” está atrelada à postura ética do educador.

Para enfrentarmos as opressões do nosso tempo, a tarefa do educador do Séc. XXI é persistir na educação libertadora, é não renunciar a se posicionar e não ser omissos às grandes questões que perpassam, norteiam e reprimem o educando, a si próprio e a sociedade. Reafirmamos que a educação libertadora se torna um enfrentamento à lógica neoliberal ao evitar a corrupção da Educação e sua transformação em reprodução dos desejos da classe dominante que impõem sua ideologia e a legitimação do *status quo* para os sistemas educacionais e para a sociedade.

O educador precisa levar em consideração que, para sua formação enquanto sujeito ético, a Educação que forma o indivíduo somente para o mercado é limitada. Enquanto sujeitos éticos devemos afirmar um compromisso na construção de uma educação que humanize os educandos para que se tornem sujeitos, cidadão crítico, reflexivo e atuante no seu contexto social. A eticidade do educador é fruto do seu enfrentamento às manifestações das opressões que de fato são originadas nas formações discriminatórias de raça, gênero e classe.

Uma pedagogia transformadora requer do educador uma visão crítica sobre o processo de ensinar. No livro “Por uma Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Freire demonstra seu interesse sobre o lugar do educador e do ensino na construção da autonomia do educando, a sua responsabilidade ética com a tarefa docente. Para o autor (Freire, 2019, p. 16), é preciso ter como horizonte a consciência de que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”, como também não é apresentar uma visão particular e torná-la uma verdade absoluta mesmo que esta visão seja ou esteja sobre o fundamento de uma razão ética.

O entendimento que Freire (2019, p.18-19) dá para o estabelecimento de uma ética universal do ser humano é, pois, a marca da própria natureza humana, natureza essa



constituída social e historicamente pelas relações que o próprio homem estabelece com o mundo, com o outro e com sua própria presença no mundo como algo original e singular. As palavras do educador para nós, educadores, é que

[...] Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, homens e mulheres, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo, o seu caráter formador. Se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 2019, p. 34-35)

A responsabilidade ética da atividade docente, quando vista apenas como uma ação moral, nos parece carecer de trabalho coletivo, de proposta comum para os sujeitos; é a partir da ideia de transgressão que acrescentamos o caráter político do educador. Não queremos aqui dizer que Paulo Freire não se refere a ação política do fazer docente, mas, o transgredir para evitar que a educação seja corrompida pelos ideais neoliberais é uma luta por poder e os espaços para a luta devem ser disputados por um sujeito que é coletivo.

Moacir Gadotti, educador também filiado às lições de Paulo Freire, mostra que a Educação é um grande espaço de luta e o educador comprometido com a educação libertadora é um político em luta constante pois,

Enquanto a educação reproduz a sociedade, a contradição e o conflito não são manifestados é porque a reprodução é dominante: a educação faz o que a classe dominante lhe pede, neste contexto o que poderíamos chamar de pedagogia transformadora? Certamente aquela pedagogia que não tenta esconder as contradições existentes na sociedade, mas tenta mostrá-las: a contradição, por exemplo, de uma escola que se diz igual para todos e a seletividade escolar. (GADOTTI, 2001, p. 71)

Acreditamos que a proposta de uma pedagogia transformadora é uma lição freireana, mas só acontece se a Educação for um espaço real de luta em que o educando participe dos enfrentamentos com as suas singularidades que se concretizam com o pertencimento ao seu grupo social, racial e de gênero. Compete ao educador reinventar e criar condições para que os conflitos se manifestem e o espaço educacional reflita uma Educação democrática, e assim possibilitem alternativas para formar pessoas mais solidárias, críticas, responsáveis com a transformação de si e da sociedade e com a diminuição significativa das opressões.



## 2.2 Os ensinamentos de uma pedagogia feminista engajada de bell hooks

Quando bell hooks escreveu “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade” havia lançado para si e para a comunidade docente universitária o desafio de pensar e transgredir regras e práticas pedagógicas colonizadoras presentes na maneira em que os docentes vinculavam seus conteúdos e conhecimentos em sala de aula. A autora usa a experiência tanto de docente como de discente ao vivenciar os episódios de ensino e aprendizagem em escolas e universidades em que os efeitos do colonialismo no campo educacional não haviam sido superados mesmo com o fim da segregação racial nos Estados Unidos.

A linha de exposição e argumentação de bell hooks visa mobilizar educadores e educandos, com a finalidade de oportunizar discussões que promovam mudanças nas práticas de ensino e compreendam a prática pedagógica como um lugar político e de resistência.

De acordo com Hedjerassi (2016) bell hooks inscreve claramente o seu pensamento na tradição das críticas radicais ao sistema social e político. Será em Paulo Freire e no termo *libertação* que encontraremos a prerrogativa de que a educação enquanto prática de liberdade é uma luta cuja conquista não será facilitada nem concedida pelos opressores. Sob a influência da perspectiva crítica e decolonial<sup>6</sup>, como campo teórico possível na construção do caminho para a promoção da liberdade, hooks lançou-se na tarefa de fazer das suas práticas pedagógicas em sala de aula um caminho para o prazer de ensinar como ato de resistência. hooks compartilha que

Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialistas, crítica e feminista, cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os

---

<sup>6</sup> Para melhor esclarecimento e análise panorâmica sobre os estudos culturais e decolonialidade, conferir as discussões sobre o estabelecimento do campo de estudos culturais no compêndio com :HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG., 2018. Quando foi o pós-colonial? (2018, p.110-140) e Estudos Culturais : dois paradigmas (2018, p.143-175). Sobre decolonialidade conferir LUGONES, MARÍA. *Colonialidade e gênero. Tabula Rasa [online]*. 2008, n.9, pp.73-102. ISSN 1794-248



sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos. (hooks, 2020, p. 20)

Compreendendo que é urgente promover mudanças nas práticas de ensino, nossa autora faz emergir a esperança e prazer da alegria que o educador deve encontrar em sala de aula. É preciso estabelecer para educação o seu caráter transgressor, o lugar da prática transgressora, lugar este em que aprender a transgredir é um posicionamento político de ruptura com o *status quo*.

bell hooks partilha, em seus ensinamentos, a proposta de oferta e a construção, em prática, de uma pedagogia comprometida, engajada que está envolvida no amor, na esperança e no cuidado. Reconhecendo a perspectiva freireana de que “a classe social molda nossa perspectiva da realidade” (hooks, 2020, p.73), só será possível repensar o ensino, as estratégias de aprendizados e a mudança social através do trabalho de sensibilização dos docentes; trata-se então da busca pela a autoformação, o bem-estar e a capacitação de todos os sujeitos.

A pedagogia engajada de hooks esclarece que a educação não visa apenas a formação intelectual e cognitiva, mas, sobretudo, o bem-estar espiritual, a politização por meio da consciência dos diferentes locais de opressão e a adoção de posturas críticas. Para a autora o desafio é “descolonizar a mente” está relacionado ao processo de desvencilhar a nossa formação educacional de todos os tipos de poderes: político, religioso, econômico e o educacional bancário. Por isso

[...] a pedagogia engajada”, é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional. Ao contrário destas duas, ela dá ênfase ao bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos. ( hooks, 2020, p. 28)

Descolonizar a mente só é possível quando superarmos os desafios da nossa formação que impedem a inclusão dos sujeitos em uma relação crítica com o próprio poder político. Engajados e críticos temos a consciência para sair da “cultura da dominação”, na qual pobres e ricos, mulheres e homens, brancos e negros, foram construídos e socializados, e nos livrar dos paradigmas hegemônicos que estruturam as cadeias de opressão.



Ensinar para pensar criticamente é um processo interativo que exige a participação tanto de educandos quanto dos educadores, a pedagogia engajada requer a mente aberta alcançada através do pensamento crítico. hooks afirma que o “foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente.” (hooks, 2020b, p.33)

A pedagogia engajada requer encorajamento e este só é possível, segundo a autora, professora e intelectual negra, quando os educadores se comunicam com os educandos atentando-se ao fato das peculiaridades de cada um. Não é possível despertar para o pensamento crítico quando a sala de aula permanece com o modelo tradicional da “educação bancária”, a abordagem baseada na noção de que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la (hooks, 2020, p. 26).

A pedagogia engajada reflete a educação que precisa apresentar-se como uma prática de liberdade, uma luta contra currículos e métodos de ensino que reforcem os sistemas de dominação.

Os ensinamentos filosóficos e educacionais propostos nos textos dedicados à educação mostram que o objetivo essencial da educação, para o bell hooks, é aprender a liberdade completa, e em relação a si mesmo, e em relação à sociedade e ao poder. Para que a liberdade seja uma conquista consciente, o primeiro passo é educar todos os indivíduos, mulheres e homens, negros e brancos, pobres e ricos, para elevá-los ao conhecimento e, principalmente, à consciência crítica. O desenvolvimento da consciência crítica para a promoção da liberdade só é e será possível quando os sujeitos entrarem na luta enquanto sujeitos e a partir de uma outra relação com o saber, desvinculada de um exercício de poder.

### **2.3 A comunidade de aprendizado e o engajamento da educação transgressora**

Se, como afirmamos no início do texto, bell hooks entende que sua ênfase no encontro de sua própria voz foi possibilitada pela leitura de Freire, deve-se reconhecer em ambos a linguagem e suas estratégias de uso como um valor de extrema importância para a economia da educação. Nessa economia, que escapa às expectativas do mercado, a horizontalidade da educação com professores e alunos cientes de sua liberdade e



responsabilidade, em igual medida, no processo de ensino-aprendizagem é um pressuposto para toda ação. Freire não depositou em hooks uma voz para que ela participasse do diálogo, mas foi capaz de incitá-la a reconhecer aquilo que nela já habitava: sua própria voz.

A importância do diálogo como lugar do conhecimento é observada na obra dos dois. Para Freire, existir humanamente é pronunciar o mundo, modificá-lo e modificar-se através dele (FREIRE, 1979, p.92). Disso, Freire conclui que o diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo. Por isso, não se conhece nada a partir de uma mente isolada, o “ser-mais” se dá na consciência de si e no diálogo com o outro num ato de contínua criação e recriação do mundo. Este ato implica um momento crucial de investigação sobre o “universo temático do povo” ou seu “conjunto de temas geradores”. Com isso, Freire estabelece que o conteúdo programático da educação deve ser pensado a partir e com o povo e não simplesmente imposto verticalmente a ele. Essa revolução copernicana, que desautoriza uma separação entre sujeito conhecedor – o professor – e objeto – o alunado, é o que garante a dialogicidade que é a própria essência da educação como prática de liberdade.

Em consonância com a dialogicidade freireana, hooks defende o papel do diálogo na formação de uma comunidade de aprendizado. Para ela, a prática do diálogo é um dos meios mais simples de ultrapassar fronteiras e barreiras erguidas ou não pelas diferenças que marcam as sociedades. A filósofa é convicta quanto ao fato de que diálogos públicos, inclusive entre diferentes educadores, como, por exemplo, entre homens e mulheres de diferentes classes e etnias, podem ser intervenções úteis para uma educação transgressora (hooks, 2020, p.174).

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar as fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes. Esse risco, em última análise, é menos ameaçador que o apego e o apoio contínuos aos sistemas de dominação existentes, particularmente na medida em que afetam o ensino, como ensinamos e o que ensinamos (hooks, 2020, p. 175).

Vemos, nesse sentido, uma lição começada por Freire e ampliada por hooks de um verdadeiro interesse na educação como prática libertadora que expõe a necessidade de



uma mudança real nas práticas pedagógicas. Se aceito, enquanto educadora, que não sou apenas uma mente que pensa e que se sabe porque pensa, logo, tenho um corpo, e esse corpo desafia todo o aparato institucional fomentado para o seu apagamento. A educação bancária exige um sujeito autoritário e neutro como detentor do conhecimento a ser doado. A educação transgressora, ao contrário, se afirma pelo engajamento de diferentes corpos em seus pronunciamentos e transformações mútuas. O diálogo, marca comum entre as comunidades de aprendizado freireanas e hookeanas, é a ação mais simples e talvez por isso também a mais difícil de ser acolhida nos mais diversos ambientes de ensino. Trata-se, sobretudo, de um ato de amor.

### 3 Considerações para aprendizados

Enquanto educadoras críticas e feministas, entendemos que o principal ponto de encontro entre Freire e hooks se deu a partir do diálogo, nesse espaço de ensino e aprendizado que é uma verdadeira comunidade quando se constitui um lugar de confiança emocional e intelectual. Nesse espaço, críticas, como aquelas das feministas dirigidas a Paulo Freire, são recebidas com honestidade intelectual e afetiva. O olhar atento e os ouvidos abertos de quem entende uma crítica importa aqui como gesto de reconhecimento do outro como interlocutor e não mais como aluno-receptor. A possibilidade de escuta e transformação a partir dela é, portanto, o que diferencia uma pedagogia crítica, feminista, decolonial e transgressora daquela outra mantenedora do *status quo*.

Nosso texto partiu do entendimento que a ação pedagógica é também política. Deste modo, nos apropriamos do diálogo tecido entre Paulo Freire e bell hooks no intuito de resgatar em nós, educadores, o compromisso de confrontar nossas práticas pedagógicas, uma vez que é de fundamental importância distanciar o campo educacional da ideologia neoliberal. Freire e hooks são educadores que enfrentam uma educação instituída que reforça os sistemas de opressões de raça, classe e gênero. Ao propor uma *educação como prática de liberdade*, educação marcada pelo engajamento, voltada à emancipação e formação dos indivíduos em sujeitos da sua história e atores na transformação social, os educadores reforçam a urgência de uma *consciência de si* humanística, de pertencimento à espécie humana. Consideramos que a educação enquanto prática de liberdade, como



prezam nossos autores, deve ser construída na práxis em diálogo com o cotidiano daqueles a partir de e com quem se requer o engajamento e responsabilidade, pois são atravessados pelos anseios e opressões que delimitam o seu lugar de ação. É pela conscientização e diálogos com esses sujeitos que a proposta de uma comunidade de aprendizados faz-se urgente para que a educação libertadora seja capaz de nos potencializar para a vida e para a luta.

Deste modo, entendemos que os ensinamentos aqui apresentados através do diálogo entre Freire e hooks extrapolam os limites de nossa escrita. Pretendemos enquanto sujeitos (educadoras) contribuir para além desta escrita com o engajamento de nossas práticas pedagógicas na mobilização de construção de uma comunidade de aprendizados que combata o “poder hegemônico” das ideias neoliberais estendidas a todos os campos de existência da vida humana.

Como hooks no ensina na sua perspectiva de pedagogia engajada, a luta contra o poder não requer uma prioridade das lutas e o protagonismo de classes específicas, todas as lutas nos atravessam e são compartilhadas no campo educacional. Estamos, através das lições e dos ensinamentos desses autores, sendo interpelados a construir uma educação a partir e com o povo, pela e com a voz destes. Precisamos nos comprometer e responsabilizar como educadores com a luta anticapitalista, antiracista, antipatriarcal e anticolonial e dar à Educação o lugar para o exercício de uma pedagogia libertadora. Parafraseando João Guimarães Rosa, “se a vida quer da gente é coragem” a luta pela educação como prática de liberdade requer coragem, engajamento e disposição para mudança de todos nós.

#### 4 Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A NOVA RAZÃO DO MUNDO: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 3ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 62ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2019;

\_\_\_\_\_, *Pedagogia do oprimido*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1967.

**SOARES, Maria Helena Silva; COSTA, Roberta Liana Damasceno. SOBRE A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: LIÇÕES E DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E BELL HOOKS. p. 129-145.**



FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG., 2018.

HEDJERASSI, Nassira. *Na escola de bell hooks: uma pedagogia de libertação comprometida*”, *Pesquisa e educação* [Online], 16 | Outubro de 2016, postado em 30 de junho de 2017, consultado em 2 de março de 2021. URL: <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/2498>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rechercheseducations.2498>

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

\_\_\_, *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020b.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LUGONES, MARÍA. *Colonialidade e gênero*. *Tabula Rasa* [online]. 2008, n.9, pp.73-102. ISSN 1794-2489.

ROSA, João G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WEFFORT, Francisco, *Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)* in: FREIRE, P. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1967.



SOARES, Maria Helena Silva. SOBRE A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: LIÇÕES E DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E BELL HOOKS. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.16, N.2, 2019, p. 129-145.

Recebido: 07/2021  
Aprovado: 08/2021